

## **A CONSCIENCIA DE SI EM MEIO A NECESSIDADE SUSTENTAVEL DE VIVER: educação e responsabilidade com o outro.**

**José Anderson de Oliveira Lima**  
(PPGE-UFAL/SEDUC-AL)

(jose.anderson@professor.educ.al.gov.br)

**José Airton Albuquerque Torres**  
(PPGE-UFAL/SEDUC-AL)

(j.airtontorres@gmail.com)

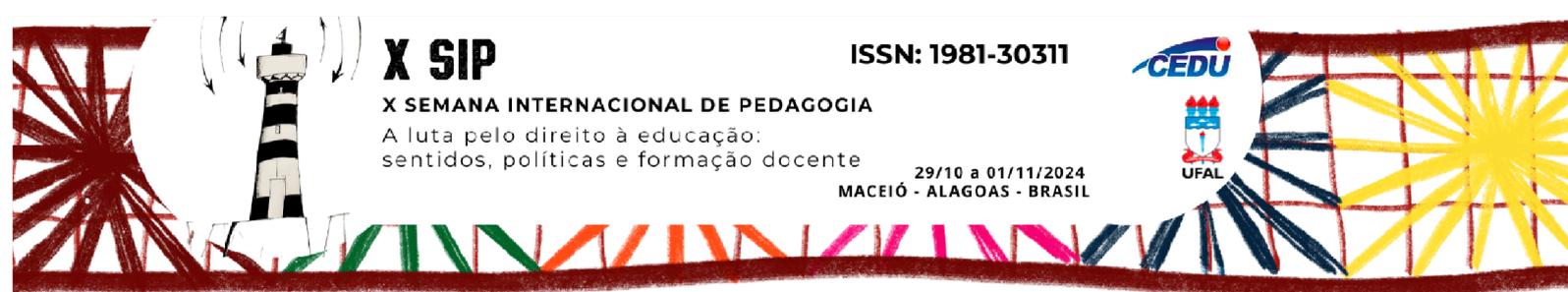
**João Paulo Carvalho de Moura**  
(SEDUC-AL)

(joao.moura@professor.educ.al.gov.br)

### **1. INTRODUÇÃO**

A vida diante de um enredo que assusta. O universo está em extinção. O cuidado e a responsabilidade são palavras que apenas ecoam como voz, porém suas ações práticas têm sido sufocadas pela ganância humana. É importante destacar a realidade de exploração e destruição que se sustentam pelo projeto da modernidade ao longo dos últimos séculos. Estamos constantemente lidando com preocupações de ordem econômica, enquanto na verdade, a vida e os recursos naturais vão se esvaindo. Edgar Morin, filósofo e sociólogo francês, sinaliza a capacidade de auto-organização do ser humano semelhante à eco-organização da natureza, que compreende sua necessidade de regenerar-se, renovar-se e reorganizar-se. No entanto, o ser humano com seu desejo exacerbado pelo domínio, desconsidera essas necessidades e provoca para si e para natureza sérios problemas. Neste cenário, a educação torna-se um caminho importante e efetivo para uma formação humana atenta a sustentabilidade, que se deve edificar a partir de uma consciência de si para o outro. O filósofo alemão Jürgen Habermas provoca-nos acerca dos resquícios da modernidade que são contrários à vida. Sendo assim, a razão estratégica instrumental desse projeto moderno carrega consigo finalidades que contribuem para a desumanização. Em consequência, é preciso fortalecer as estruturas do mundo da vida, como também promover o entender-se com o outro sobre a realidade e a vida.

### **2. OBJETIVOS**



Diante da razão fria e apática da modernidade, a intenção deste trabalho é provocar a reflexão de profissionais de educação sobre a responsabilidade educacional com a vida, assim como compreender a necessidade pedagógica para a construção de uma consciência sustentável individual que segue o processo de si para o outro.

### **3. METODOLOGIA**

A metodologia desenvolvida em nossa pesquisa é voltada para a historiografia das obras de Edgar Morin, principalmente “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, “Terra-Pátria” e “Método II: a vida da vida”. Além deste, utilizaremos o filósofo Jürgen Habermas para pensar a desumanização da vida a partir da sua crítica a razão estratégica, como também outros estudiosos que alertam para o grave problema climático que vive o planeta Terra.

### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O cenário devastador tem na ganância do ser humano ações degradantes para a vida. Extrair sem preservar, consumir sem produzir, poluir sem regenerar. Para o filósofo e sociólogo francês Edgar Morin (2003), “o mercado mundial pode ser considerado como um sistema auto-organizador que produz por si mesmo suas próprias regulações, a despeito e através de evidentes e inevitáveis desordens” (MORIN, 2003. p.65).

Segundo Morin (2011, p. 265), as sociedades não se sobrepõem às interações entre indivíduos-sujeitos, pois são estas interações que constituem a sociedade. Quando Morin estabelece um parecer para esse ordenamento das sociedades, não especificamente a dos seres humanos, e sim, toda aquela dotada de indivíduos vivos, ele o quer sinalizar que “o sistema social não é apenas um sistema: é uma organização que organiza retroativamente a produção e a reprodução das interações que a produzem, assegura a sua homeostasia...” (Morin, 2011, p. 265).

Neste caso, a homeostasia é equilíbrio, e isso é exatamente o que falta a nossa sociedade, que traz como marca maior a desigualdade entre os seres, e mais

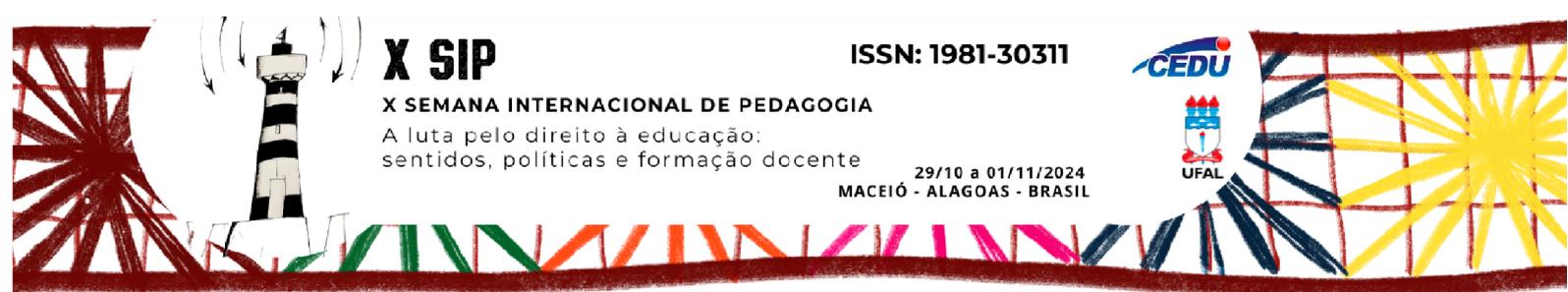
ainda grave, o desequilíbrio entre o que se retira o que se deve devolver à natureza. Salientamos que Morin (2011) faz menção ao indivíduo social que tem como princípio “ser-máquina” no sentido dele se “auto-organizar”, assim como a natureza na sua eco-organização, mesmo quando afetada pelos conflitos, rivalidades e lutas

Porém, mesmo existindo esse ciclo de reorganização das sociedades ao longo do tempo e da história, já deveríamos ter compreendido que o processo de regeneração é mais penoso do que o da auto-eco-organização, e que se estabelecêssemos uma relação de conscientização ecológica nas nossas ações de convívio social, ações que possibilitassem o equilíbrio (homeostasia) necessário para que autos e eco coexistam, o crescimento sustentável se daria muito mais eficaz em suas existências.

Na obra Terra Pátria, Edgar Morin alerta que “a economia, a demografia, o desenvolvimento e a ecologia se tornaram problemas que doravante dizem respeito a todas as nações e civilizações, ou seja, ao planeta como um todo” (MORIN, 2003, p. 65), no entanto, a conscientização do grau de responsabilidade de cada uma dessas nações recaem sobre cada um dos indivíduos que coexistem no planeta, independente de pertencer a nação A, B, C, ou qualquer uma outra existente, o que nos leva a pensar não apenas num nível de consciência coletiva, mas sim, numa conscientização individual, num processo de consciência de si para o outro, numa espiral crescente que se desenvolva para além dos limites das sociedades e nações, e que atinja o esplendor da população planetária em um contagiante cuidado desse ser que chamamos Terra, ou melhor, que chamamos de casa, e que também podemos chamar de nossa pátria, nosso lar, lugar que tem vida assim como nós, e que por isso, necessita ser cuidado.

A consciência ecológica não é apenas a tomada de consciência da degradação da natureza. É a tomada de consciência, na esteira da ciência ecológica, do próprio caráter da nossa relação com a natureza viva; aparece na ideia de duas faces que a sociedade é vitalmente dependente da eco-organização natural e que esta está profundamente comprometida, trabalhada e degradada nos e pelos processos sociais (Morin, 2011, p. 110).

Contudo, enquanto a reorganização da desordem torna-se uma necessidade imprescindível dos seres humanos, para muitos, mudar significa encontrar outro



planeta para poder se apropriar dele e explorá-lo de forma a degenerá-lo, tal como fazem com o planeta Terra. Todavia, não sabem eles que:

Tudo caminha para a dispersão e a desintegração, tudo, e sobretudo as máquinas vivas de constituintes tão instáveis, sobretudo as organizações vivas que comportam tantas desordens e acasos, sobretudo os seres vivos tão frágeis e tão efêmeros, sobretudo as individualidades/subjetividades vivas tão singulares, tão improváveis.... Porém tudo isso se mantém, se conserva, se fortalece, se perpetua por recomeços e renovações (Morin, 2011, p. 376).

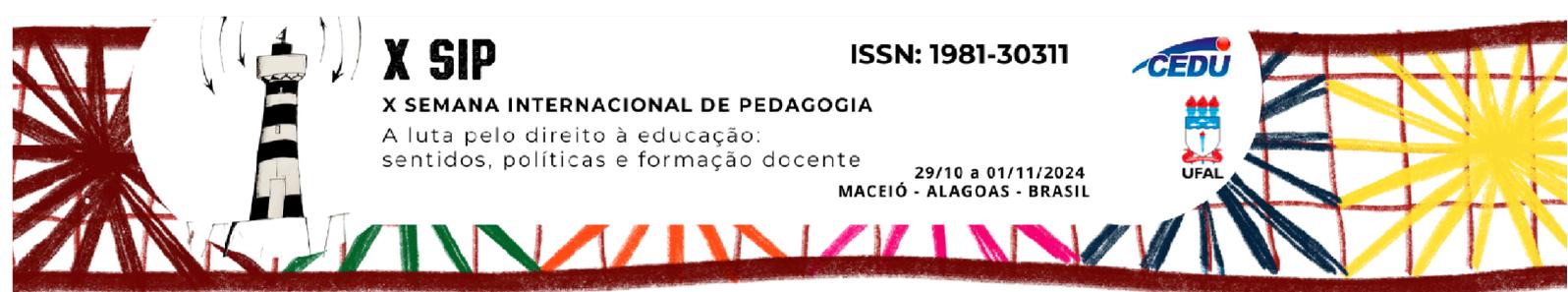
Neste sentido, para poder cuidar do nosso lar, preservar e prosperar em harmonia com ele é preciso que o ser humano, primeiramente, renove-se, reeduque-se e desenvolva uma conscientização de si para o outro. É preciso então, uma educação para uma auto-eco-organização, que estabeleça fins que o conduza a auto preservar-se com o meio ambiente e com a natureza.

Numa sociedade de mercado, onde o critério maior para a sobrevivência é a razão do lucro, e como tal, obter ganho rápido e rentável não é sinônimo de preservação e sustentabilidade, as leis que autorizam a extração das reservas naturais do planeta são rapidamente elaboradas e eficientemente utilizadas e aplicadas.

O filósofo alemão Jürgen Habermas percebe que a razão instrumental se torna o grande adversário da vida, pois ela busca a todo custo padronizar e corromper as estruturas do mundo partilhado dialogicamente. O mundo estratégico é consequência da instrumentalização racional que foi edificada na modernidade. A sinalização de uma ação comunicativa será apresentada como possibilidade para ir de encontro às estruturas estratégicas da razão, na qual oportuniza o “entender-se com o outro” como fio condutor da recomposição do mundo da vida.

Destarte, a responsabilidade educacional com a vida é uma necessidade pedagógica, principalmente, no que se refere a um ensino reflexivo e ao cuidado de si mesmo, do outro e da natureza que o cerca.

De acordo com o parágrafo 1º, do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a educação escolar deve abranger os processos formativos que se expressam “na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e



organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. E importante visarmos no processo educacional uma escola que se orienta em garantir “à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica” (BNCC, p. 07).

Enquanto a LDB sinaliza para uma educação escolar atenta à vida do educando, a BNCC reforça ainda que ela se estende a uma dimensão política. Entretanto, diante desse direcionamento para a uma formação integral, somos provocados pela dissociação entre a teoria da lei e a prática dela. Essa dissociação nos inquieta quando percebemos que no chão da escola pública, principalmente da periferia, a supervalorização de aspectos cognitivistas tenta a todo custo colonizar o mundo da vida dos estudantes, retirando-lhes o foco de si, de suas condições de exclusão, injustiça e pobreza.

A escola necessita ir de encontro à lógica de um desenvolvimento social e educacional proveniente do projeto da modernidade, na qual o positivismo promoveu “uma separação intransponível entre teoria e prática e reduz o conhecimento racional a um emaranhado de orientações e procedimentos técnicos” (MÜHL, 2003, p. 266).

A supervalorização de apenas aspecto cognitivo em detrimento de outros aspectos – também importantes da formação humana – torna-se um desafio a ser combatido em nosso contexto de formação da vida. Quando a ação educativa desconsidera aspectos socioemocionais no processo de ensino aprendizagem, ela torna-se exclusivamente uma ação estratégica sustentada por finalidades técnicas e científica.

Neste contexto, é importante destacar o diálogo como princípio de uma intervenção neste mundo visivelmente desestruturado. Porém, precisamos nos entender para compreender as necessidades deste mundo.

Enquanto o lucro e a exploração dos recursos naturais continuarem sendo encarados como um problema da economia, prolongaremos o sofrimento e as consequências desastrosas que a natureza nos provoca em diversas tragédias ambientais. Nossa principal intenção deve ser contribuir para tomada de consciência sobre as consequências diante da deformação do próprio mundo da vida.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tamanha complexidade que é existir e coexistir sem exploração degradante, entendemos que a saída é educar para o amor, educação esta que possibilite o amor de ser amado direcionado a nós mesmo, todavia, sem que sejamos egocêntricos. Amar a nós mesmo passa pelo viés do cuidado com a vida do outro. O “Eu” com o “Tu” num entrelaçar para o bem de todos e do mundo. Amar a vida é amar principalmente o planeta, que oportuniza a vida do ser. Amar a vida é uma atitude conservadora de uma auto-eco-convivência. Portanto, voltar-se ao humano e sua educação para a vida é um caminho que precisamos seguir, assim, neste percurso, precisamos nos reconectar com a nossa consciência de si para cuidar do outro.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: ensino médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <<[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC\\_EnsinoMedio\\_embaixa\\_site\\_1105\\_18.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_1105_18.pdf)>> Acesso em: 13/09/2024.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**, 1996. Disponível em: <<[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>> Acesso em:13/09/2024

HABERMAS, Jurgen. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos** - 2. Ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. (Biblioteca Tempo Universitário; nº 90. Série Estudos Filosóficos).

LIMA, J. A. O. **O ensino de Filosofia por uma perspectiva dialógica: a competência discursiva como caminho para intersubjetividade no âmbito escolar** / Orientador: Prof. Dr. Anderson de Alencar Menezes. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Mestrado Profissional em Filosofia, Recife, 2019.

MORIN, Edgar. **O método II: a vida da vida**. Tradução de Marina Lobo. – Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**: Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. **Terra-Pátria**. Traduzido do francês por Paulo Azevedo Neves da Silva. - Porto Alegre: Sulina, 2003.